

MANUEL ANTONIO DE SOUZA



СОР. Д'УМА БЕЛЛІ П'РОТОГРАФІЯ
ДЕ ГРАМІСКО.

Manuel Antonio de Souza, o capitão de Manica e Quiteve, conhecido em Moçambique por *Gouveia*, é um dos portugueses que mais serviços teem prestado, e que mais corajosamente tem mantido a honra nacional. O valente Manuel Antonio foi um dos prisioneiros dos agentes da *South Africa*, e, por ser o mais temível, aquelle que mais tempo foi detido. A influencia e preponderancia de Manuel Antonio sobre as populações indigenas collocaram-no em condições de dispôr de alguns milhares de homens para a guerra. Eis porque os bandidos da *South Africa* deviam rejubilar ao sentirem-se livres de tão poderoso, como destemido inimigo.

N'este momento em que uma nova affronta vem provar, desnecessariamente, a deslealdade dos nossos concorrentes em Africa, é um dever imposto pela justiça saudar aquelles que, por entre difficuldades e perigos, arvoram a bandeira da Patria, e affirmam os nossos direitos. O capitão de Manica tem jus ao reconhecimento de todos nós, que sonhamos o levantamento d'este desgraçado paiz.

Com o entusiasmo mais vivo saudamos o heroe de tantas lutas, o apostolo da civilização, o patriota emérito; e ao passar-nos pela mente que Portugal soffreu um dia que os agentes de uma companhia ingleza o conservassem preso, com 25:000 inglezes, aqui no continente, tinge-se-nos a face de vergonha, e recordamos a celebre phrase de um popular: — *Para que servem tantos candieiros pelas esquinas?*...

E o exercito?



As novas d'África dão a posição portugueza cada vez mais irritante e difficil n'aquellas terras. Realisou-se o que muitas vezes dissemos sobre as consequencias do primeiro fraquejo nosso, de Janeiro. Certa de que lhe não resistiremos, a Inglaterra trucida-nos e alarga a sua area d'occupação, sem mais respeito ao convenio e aos *modus vivendi* do que um ladrão de montanha, impune e perfido. Um acto de resistencia, uma energica reclamação por via diplomatica, respondendo á insolita provocação do *ultimatum*, ainda teriam sustado talvez a canalha ingleza, na sua marcha ovante, de latrocínio em latrocínio, e d'invasão em invasão, se por uma informação diplomatica rapida e completa, houvessemos conseguido interessar simultaneamente os gabinetes europeus, na nossa causa. Infelizmente, com a governação Hintze-Serpa, as coizas tomaram a nefanda trajectoria que todos viram; e emquanto o sr. Barjona e o sr. Hintze conspiravam abertamente contra a integridade do nosso dominio ultramarino—apertos de dinheiro, desleixos e inexperiencias de quem regia a pasta da marinha, la foram deixando a linha fronteiriça (que pelo tratado de 20 d'agosto nos era concedida e que o *modus vivendi* ultimamente fixou, té negociações definitivas) desguarnecida de postos militares, e os portos e arsenaes da costa africana oriental sem um barril de polvora ou um navio, como se tudo vogasse em maré de concordia e paz profunda. E assim chegamos a isto! Já não é so a Inglaterra quem se permite invasões em territorio authenticamente portuguez; Agora até levamos castanha dos pioneiros de simples companhias commerciaes, e passamos pela vergonha de ver fugir os nossos exploradores deante dos aventureiros do inglez Forbes, e de ver engaiolar Manoel Antonio, á vista de sua gente, nas masmorras do forte Salishury.

De sorte que não falta nada á tragi-farça portugueza em Moçambique. O inglez entrou conosco, e ainda não houve meio de lhe ferrar nos campos d'África, uma lição. Primeiro contestou-nos posse em territorios; em seguida impoz elle limites ás nossas possessões, apoz fuzilou soldados nossos, fez ouvidos de mercador ás nossas queixas; e certo da nossa pusillanidade e da nossa miseria, conhecedor da irrisoria situação da nossa marinha, da absoluta ausencia d'occupação militar portugueza em terra d'África, da irresolução e do panico que nos causa, eil-o desdenhando roubar-nos já sob a chancellia do *Foreign-Office*, mas encarregando d'isso, com uma solercia de facinora cynico, potentados minusculos, como a companhia ingleza do sul, que o gabinete inglez diz não proceder d'acção combinada com elle, mas por traz da qual sahirá amanhã, se tropas nossas trucidarem no campo os valdevinos com que essa companhia nos escorraçou de Manica, ha pouco tempo.



N'este comenos, pergunta-se: inda não está chegada a hora de se intentar o desforço do nosso pun-donor achincalhado? A guarnição militar da provincia de Moçambique, continuará reduzida a meia duzia de soldados europeus doentes, e a algumas centenas de negros indisciplinados? Não cuida o governo em promover, no mais curto espaço possivel, a transferencia de parte do exercito portuguez, do continente para os pontos moçambicanos que mais celeremente exijam a sua presença? Ha-de-se consentir que companhias de mineiros e algodoeiros zombem de nós? Não aproveitaremos o momento d'ellas procederem, como o governo inglez affiança, fóra de toda e qualquer influencia official, p'ra lhe ferrarmos uma coça que resuscite aos olhos dos negros, o nosso prestigio agonisante?

Eu não sei realmente o que se espera. A ultima injuria está bebida. Pergunta-se se continuaremos a discursar de braços cruzados, no Martinho e nas reuniões da Liga Liberal. N'esta mornidão d'ineciativas, n'este estado attonito de desastres, vózes erraticas já levantaram o grito da altivez patricia, enxovalhada, que demanda vingança. Em Traz-os-Monte falla-se em organizar um batalhão de voluntarios para a Africa. De Braga chegam noticias de se estar organisando alli um corpo expedicionario semelhante, que já tem inscriptas cerca de 600 pessoas, equipadas e armadas á custa d'uma subscrição particular. Do batalhão do Brazil já se não falla; bons ou maus, esses nobres portuguezes offereceram o seu sangue á defeza do paiz, e devem de ser honrados por nós todos. E finalmente, inda no domingo passa-lo, reuniões de estudantes, convocadas simultaneamente em Lisboa, Porto e Coimbra, amostraram, com entusiasmo mais ou menos oratorio, mas nem por isso menos sincero, qual o rumo que as populações academicas tomarão, ao menor signal de que a Africa portugueza haja mister da sua generosissima mocidade.

Ora, está claro que estas fidalgas offertas não podem ser accites avulsamente pelo Estado, e que seria improficuo fazer seguir os batalhões patrioticos para a Africa, sem combinar primeiro um plano d'occupação por toda a fronteira interior de Moçambique. Para uma occupação militar ser efficaç, batalhões patrioticos não bastam. Urge que n'ella tomem a frente, para assim dizer, tropas d'officio, que só o exercito do continente, nas actuaes circumstancias, póde dar. O governo necessitará por consequencia de fazer um apello aos regimentos da metropole, e decretar a comunidade do exercito, para continente e possessões, de sorte que toda a officialidade de terra tenha, como a de mar, o seu tirocinio nas colonias, e que o recrutamento implique a obrigação de serviços do alistado, em qualquer ponto do Ultramar que a sorte lhe impozer. Organizado assim o exercito, e prestes, o commando geral fixará depois destino aos batalhões de voluntarios, e a disposição das forças militares portuguezas, seria e effectivamente organisadas, nos habilitarão o expurgar a terra negra, das correrias dos intrusos, e a impór á Inglaterra uma opinião diversa da que ella hoje faz de nós, como paiz colonial.

Mas porque não fez então o governo esse indispensavel appello ás tropas da metropole?

A resposta advinha-se. O governo sabe bem da indisciplina social que corre nas camadas, e como todos, receia vêr-se desacatado, no instante de praticar este acto d'energia. Porem tanta vêz tenho ouvido exaltar o espirito de bravura e mais virtudes profissionais do nosso exercito, que supponho infundado o receio, e até o julgaria injurioso para uma corporação tão melindrosa em pontos de honra, e tão justamente cheia da consciencia do seu prestigio.

Estranhado estou até de que não tenha sido do exercito que partisse o grito de vingança, e vou a suppor que se em presença das nossas vergonhosas derrotas d'África, o exercito se tem conservado impassivel, até'gora, rasões occultas por certo lhe amordaçam a voz, que é impossivel não explua, a breve trecho. Porque em verdade, acceitar o governo as ofertas de sangue que lhe faz o commercio e a juventude estudiosa, sem primeiro fazer consulta á intrepidez dos que cingem armas por officio, é realmente deixar em mau piso uma corporação que afervoradamente jurou consagrar-se á defeza da patria—da patria que não acaba, é sabido, nas costas do Algarve, senão vae alem, travez dos mares, té aos dois litoraes do pais negro, em cujos vales pelejaram e morreram heroes, etc., etc.

IRKAN.



A espera ao Marianno

Hoje, ao saltar da caminha
P'ra o labor quotidiano,
Nem sequer almoço tinha
—Que a criada da cosinha
Fôra esp'rar o Marianno!

Todo o fato pouco limpo,
Sem graxa as botas de cano,
Porque até—Deuses do Olympo!—
O meu moço, o meu garimpo
Fôra esp'rar o Marianno!

Já na rua, a dôr dos calos
Fez que esp'rasse o americano,
Mas que é d'elle?—isso agarral-os!—
Carros, cocheiros, cavallos,
Foram 'sp'rar o Marianno.

A estanqueira do Rocio,
Que me serve ha mais d'um anno,
D'esta vez não me serviu,
Pois tambem, n'um corropio,
Fôra esp'rar o Marianno.

A' barra mettendo a prôa,
Botes mil, a todo o pano,
Lá levavam de Lisboa
Toda a gente, ou má ou bôa,
Que ia esp'rar o Marianno.

Quer maltrapilho, ou paralta,
D'este jardim luzitano,
Qual mais de affectos se exalta,
Toda a gente quiz, sem falta,
Ir esp'rar o Marianno.

E entre parenthesis digo
Que em vez de sentir-se ufano,
De parofias pouco amigo,
Co'esta espera está comsigo
Desesp'rado, o Marianno!

Elle que, das vãs chimeras
Já não cré no lèdo engano,
Sabe bem, já d'outras eras,
Quantas mais sortes de esperas
Podem 'sp'rar o Marianno...

Hoje, a plebe entusiasmada
Acclama-o n'um grito insano:
Amanhã, desorientada,
P'ra o correr á batatada,
Pode esp'rar o Marianno!...

PAN-TARANTULA.



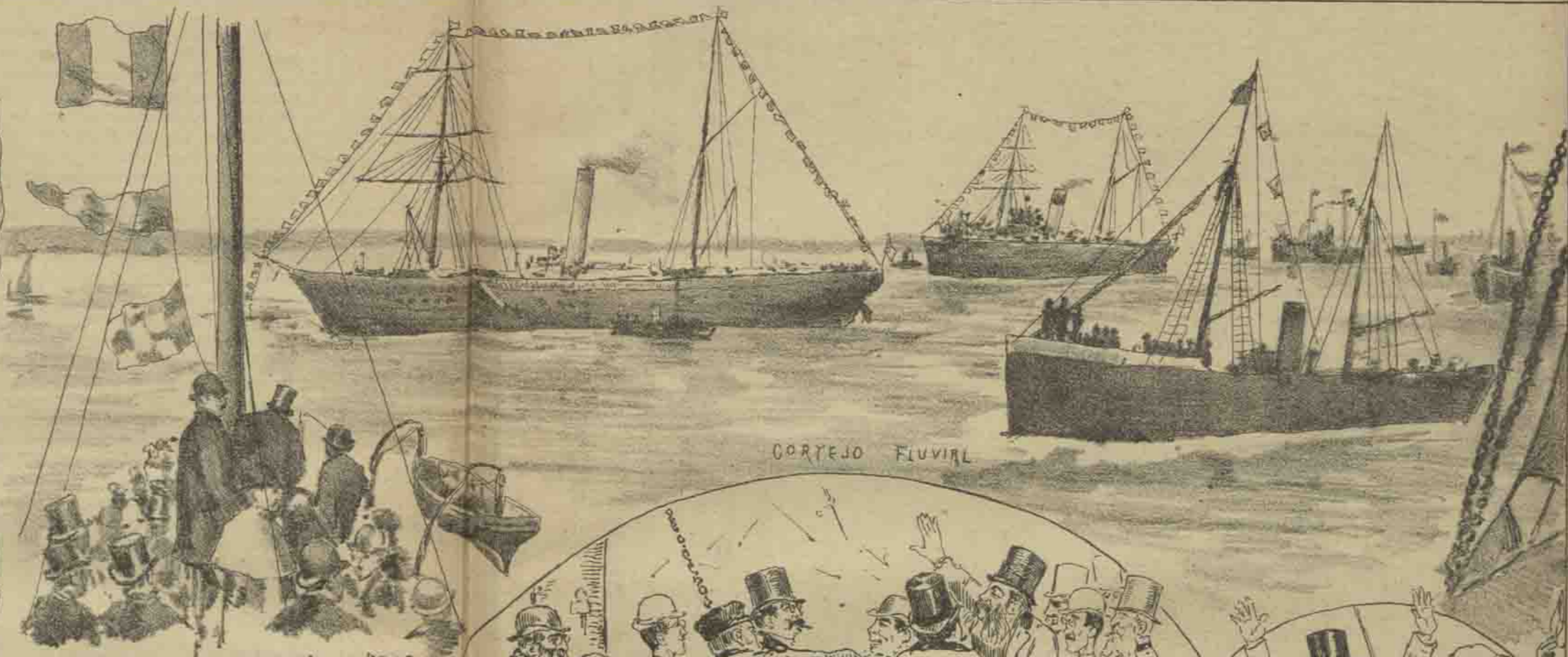
A FLORISTA FRANCEZA

Ninguém em Lisboa desconhece o estabelecimento da rua da Trindade, all deante do theatro, em que uma franceza confociona ramos de uma bellissima penna vulgar. Em tempos havia justu a florista Leitão, no Chiado, uma pequena loja de florista. E' a que hoje tomou maiores proporções, mereça de um trabalho instigavel e de uma vontade persistente.

O publico sabe por desuata, qual a perfeição dos productos d'esta casa: não é, pois recommendal-os a nosso intento, mas sómente apcitar um d'esses casos, que vão rareando, de fructificante trabalho, em que se empucba toda a alma e toda a vida, e lamentar que em vos de se comprar flores da Cintra, se indague, previamente, se ellas são de Niss.



NO MALANGE
OS PRIMEIROS CUMPRIMENTOS



CORTEJO FLUVIAL

ABORDO DO LUSITANO - PROA

ESCALA DO SR. MINISTRO DA MARINHA CONDUZINDO



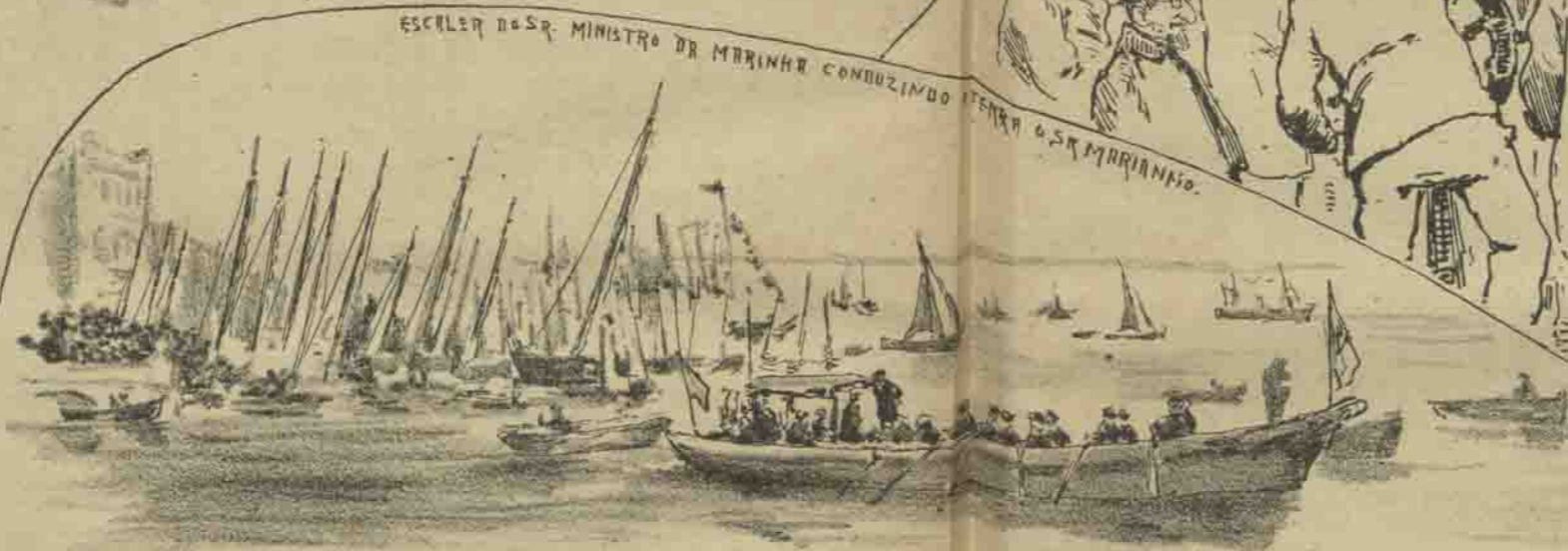
DESAFIO DO SR. MARIANNO



DESCANSEM QUE CHEGAM
AO CHEGAR A CASA



UM LIGA COM O RUCTOR DAS DITAS



MARIANNO DE CARVALHO

Chegou o sr. Marianno de Carvalho. Na sua ausencia, mais de uma vez o seu nome foi creditado era malograda. Então, a toda a luz reapareceram as grandes qualidades de estadista e de duvida que o sr. Marianno de Carvalho é o primeiro d'entre os homens, que no nosso peiz tem de interessar a viagem d'esse homem de faculdades superiormente organisadas, aquella das nossas economicas, quer no ponto de vista da politica internacional.

Nenhum espirito lucido consente em deixar-se embalar pelas theorias africanistas forjadas alli, ia um homem, com intelligencia potente, faculdades raras de trabalho, e que traria preciosos que o sr. Marianno de Carvalho, constituia ainda uma esperanca.

Volto d'essa expedicao. Por sem duvida que alguma cousa ha de trazer como subsidio para a ovação de quarta feira e significativa por demais é a attitudo dos seus adversarios.

Marianno de Carvalho impõe-se á admiración de todos os seus contemporaneos. Polêmico e a tudo chegou pelo seu trabalho. E agora que estão acalmadas as irritações das luctas partidarias, Nós, saudando-o pelo seu regresso, fazemos votos para que consagre, de todo, o seu trabalho

quando surgia uma complicação financeira, ou quando uma tentativa para obter credito do financeiro, que depois de amaldiçoado foi invocado como uma esperanca. Fora o periodo os negocios do estado. A ninguem, por isso, amigo ou adversario, podia deixar de se lembrar das conferencias onde, questões da maxima importancia se debatem, quer no ponto de vista economico, quer no ponto de vista politico.

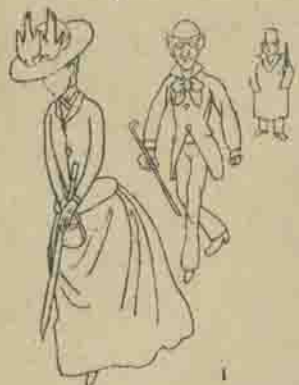
Esta é a importancia da expedicao Marianno de Carvalho; para se entrar n'uma reedificação completa da administração e defeza colonias. E para quem já mais viu a Africa. Para quem já mais viu a Africa. Esta é a importancia da expedicao Marianno de Carvalho; para se entrar n'uma reedificação completa da administração e defeza colonias. E para quem já mais viu a Africa.

Por isso bem foi que os seus amigos lhe fizessem a estronada. E agora que estão acalmadas as irritações das luctas partidarias, Nós, saudando-o pelo seu regresso, fazemos votos para que consagre, de todo, o seu trabalho



RAPHEL BORDALLO PINHEIRO

Personagens: Uma donzella



Um quidam



Rira bien qui... etc. Um senhor «bem posto»





Tem tido um verdadeiro successo, no theatro da Rua dos Condes, esta peça, que foi uma das que mais nome grangearam ao actor Dias, no Porto.

A musica é do eminente artista, nosso amigo Cyriaco Cardoso, e a traducção de Guedes d'Oliveira, o finissimo humorista e sarcasta, que, na *Republica Portugueza*, assigna Tito-Litho.

Da musica d'este peça escusado seria fallar porquanto o nome de Cyriaco, de per si, constitue uma garantia do maximo valor; é um artista de talento, amando a arte, e que não ligaria o seu nome a trabalhos somenos. Guedes d'Oliveira, em outro campo, acompanhou dignamente o maestro. Quasi todos os *couplets*, são de um espirito vivissimo.

A audição do *Capitão Metralha*, dá-nos occasião de lamentar que Cyriaco não fique em Lisboa, onde o seu talento é apreciado e onde qualquer theatro em que estivesse teria constantes enchentes.

A perfida Albion

DE PEQUENINO SE TORCE O PEPINO



Jury de exame: Salysbury, Victoria queen e duque de Fife.

—Salisbury: Meninol O que é roubar, segundo os estrangeiros?

—Examinando: E' adquirir para a Inglaterra em nome da civilização o maior numero de colonias, que pertençam a paizes fracos, para... evitar complicações

—Salisbury: Como se rouba Manica?

Examinando: Enredando nm paiz amigo, pequeno e tolo n'um *modus vivendi* e ao apanhal-o desprevenido invadir-lhe as colonias d'Africa.

—Os tres do jury em côro: Muito bem, meninol Ser-lhe-ha concedida uma missão em Africa, para que intrigue, roube e prospere para gloria da Gran-Bretanha.